incremento de 14% nas importações dos países em desenvolvimento, principalmente no Extremo Oriente e na América Latina;

- abacate: o total das importações aumentará 37%, alcançando 238 mil toneladas, com os embarques para a União Européia somando 59%, para os EUA, 10% e para o Canadá, 4%;
- manga: as importações mundiais crescerão 34%, totalizando 364 mil toneladas, tendo os EUA a principal participação no mercado, vindo a seguir a União Européia (22%); os embarques para o Japão deverão expandir-se 4,28%, alcançando 12 mil toneladas, em 2000;
- papaia: espera-se aumento de 29% nas importações, que chegariam, então, a 101 mil toneladas; o mercado norte-americano continuará detendo a maior parcela das compras (19%) entre os países industrializados; o Extremo Oriente deverá permanecer como o maior mercado global, representando 45% das importações mundiais, à frente dos EUA (16%) e do Japão (6%).

O trabalho da FAO também nota que o impacto da Rodada Uruguai sobre a demanda de frutas tropicais será limitado, uma vez que as tarifas de importação da União Européia, Japão e EUA — conjuntamente equivalentes a 70% das importações globais — já eram baixas antes da Rodada (a maior parte menos de 10%).

Mercado dos processados

Da mesma forma que para as frutas tropicais processadas, o mercado europeu para o abacaxi em conserva oscilará em torno dos números de hoje e apresentará crescimento como resultado da maior demanda nos países da Europa Central e do Leste europeu, enquanto novos mercados em outros lugares poderão oferecer oportunidades de expansão.

Segundo a FAO, há crescente demanda européia de saladas com frutas tropicais, devido ao interesse geral por produtos tropicais, enquanto tanto o papaia quanto a manga estão cada vez mais sendo introduzidos nos maiores mercados, com a possibilidade de ampliação nas vendas globais de frutas tropicais em conserva.

O comércio de frutas tropicais secas e desidratadas pode permanecer estagnado. Seu alto teor de açúcar é considerado uma barreira ao crescimento, mas novos mercados e produtos inovadores poderão conduzir a maiores negócios.

O valor das importações globais de frutas tropicais em conserva foi de US$667 milhões em 1994, com o abacaxi detendo a parte do leão e os EUA disparados à frente como o maior mercado, importando US$207 milhões. Outros grandes mercados são Alemanha, Japão, Reino Unido e Holanda. A Tailândia é o principal fornecedor, seguida por Filipinas, Indonésia, Quênia, Malásia e África do Sul, enquanto Holanda, Alemanha e Bélgica são conhecidas como reexportadoras.

Tradução de FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA, autorizada para *Agroanalysis* por Agra Europe (London) Ltd., do artigo FAO study sees potential for tropical fruits, publicado em *Fruit and Vegetable Markets* (71), ago. 1996.

SAFRA DE VERÃO

A nova safra: primeiras intenções

Este levantamento, realizado em outubro, não pode ser considerado definitivo em suas informações, pois ainda antes de dezembro deverá haver mudanças. Ainda assim, vale a pena examinar as informações disponíveis.

As primeiras estimativas para a safra de verão 1996/97 são relativamente auspiciosas. Embora a hipótese mais otimista indique que a área plantada seja apenas 1,8% maior do que a de igual período do ano anterior (na hipótese pessimista haveria uma redução de área de 2%), a produção de algodão herbáceo, arroz, feijão (primeira safra), milho (primeira safra) e soja somaria 61,257 milhões de toneladas (ou 58,975 milhões), superando a do ano anterior em 8,8% (ou 4,8%), em função de uma recuperação nos níveis de rendimento físico das lavouras.

O levantamento foi feito em outubro e sabe-se, pela experiência de anos anteriores, que antes de dezembro há possibilidade de grande variação nas informações. O plantio se desenvolve em um sem-número de estabelecimentos, dificultando a aferição das intenções do conjunto dos agricultores. À medida que o crédito rural foi se tornando uma variável de menor importância na tomada de decisões dos agricultores, perdeu-se um referencial dado pelo número de financiamentos solicitados junto ao sistema de crédito rural.

É também verdade que há vários outros indicadores importantes, como o desempenho das vendas de fertilizantes e sementes e o movimento das cooperativas. Ainda assim restam grandes incertezas. O fertilizante pode ser aplicado em lavouras alternativas, o agricultor muitas vezes usa semente própria. Ainda assim, vale a pena examinar as informações disponíveis.

Os dados da Conab mostram que o aumento esperado na produção dos chamados grãos se concentra no milho e na soja, lavouras para as quais o mercado se mostrou bastante favorável em 1996 e que apresentam um panorama encorajador no futuro próximo. Apesar dos aumentos registrados na produção mundial no último ano, os estoques não foram reconstituídos e a demanda parece bastante forte. A soja, aliás, é a única lavoura cuja área plantada cresce mesmo na projeção mais pessimista da Conab. No caso do milho, a recuperação da safra decorre do rendimento agrícola que foi bastante prejudicado na safra anterior por problemas climáticos. O feijão é outro produto cuja produção deverá aumentar em função de melhoria da produtividade, de vez que a área plantada registra redução que varia entre -0,3 e -3%.

O algodão e o arroz, por seu lado, deverão ter sua produção reduzida significativamente. Ambas as lavouras atravessam uma grave crise que em boa medida foi provocada pela repentina redução das alíquotas de importação. Os orizicultores gaúchos foram também bastante afetados pelo endividamento. Como em boa parte são grandes produtores, ficaram de fora da renegociação da dívida rural. Alguns deles contudo migraram para o Uruguai, onde a terra é mais barata, e hoje se tornaram fornecedores do mercado interno brasileiro.

Já os plantadores de algodão vêm enfrentando dificuldades há mais tempo. Primeiro foi o bicudo, praga que arrasou os algodoais e cujo combate exigiu pesadas despesas. Depois foram as importações. O mais grave é que, mesmo quando o algodão brasileiro registrou, nos anos mais recentes, preços inferiores aos do mercado internacional, a indústria continuou preferindo recorrer ao mercado externo, onde é possível encontrar prazos de pagamento bem mais longos e taxas de juros bastante inferiores às vigentes no mercado interno. Estima-se que a área plantada com algodão em 1996/97 seja a mais baixa dos últimos 20 anos.

Informações atualizadas sobre uso de sementes são difíceis de obter. Já com relação ao uso de fertilizantes, há informações bastante tempestivas. Até setembro de 1996, as entregas de fertilizantes ao consumidor final, segundo a Anda, somavam 2.706 mil toneladas de nutrientes, 6% acima do registrado em igual período do ano anterior. Este resultado, contudo, foi bastante influenciado pela adubação feita nas lavouras de cana-de-açúcar e de trigo. Note-se que o aumento nas entregas se concentrou nos meses de abril a julho. Quanto à distribuição regional das entregas de fertilizantes, a maior expansão (6,7%) ocorreu na área que abrange os estados do Sudeste, Centro-Oeste e Paraná. Nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, foi registrada uma modesta expansão de 3,2%, próxima à verificada na região Nordeste (2,7%). É interessante ainda observar que, com exceção do Nordeste no mês de agos-

A renda agrícola em 1996

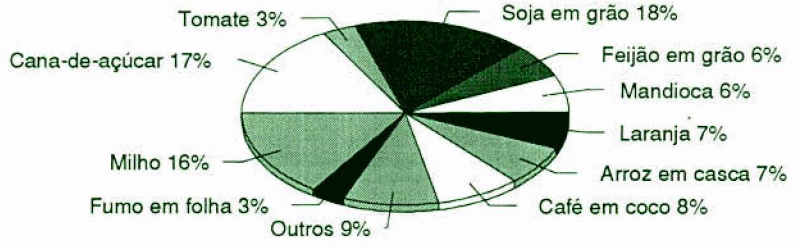
A capacidade de autofinanciamento do produtor rural é a resultante direta da renda líquida auferida na safra anterior e esta é determinada pela produção e pelos preços vigentes, bem como pelos custos de produção incorridos. Dada a dificuldade de se poder avaliar empiricamente as despesas do agricultor, pode-se recorrer à renda bruta como uma aproximação da capacidade de autofinanciamento dos agricultores.

Em fins de 1995, as perspectivas eram de que os preços do ano seguinte seriam extremamente favoráveis, impulsionados por preços mundiais em expansão e uma safra interna reduzida. Os resultados do período janeiro-setembro, que do ponto de vista do produtor podem ser considerados como bastante representativos para o ano, pois a maior parte da colheita já foi encerrada, mostram que de fato houve uma melhora na renda agrícola bruta do segmento de lavouras (1,4%), mas distribuída de forma bastante irregular entre as diversas atividades.

A renda bruta dos triticultores deve crescer mais de 100%, a dos fumicultores, 16% e a dos sojicultores em torno de 12%. Já os produtores de algodão terão perdas de 10%, os orizicultores de 8% e os produtores de batata-inglesa de 21%.

O gráfico mostra a participação das principais lavouras na renda agrícola estimada para 1996.

Brasil — renda bruta da agricultura segundo as principais lavouras — 1996



to, as entregas de fertilizantes efetuadas nos meses de agosto e setembro foram menores que um ano antes.

A aquisição de máquinas agrícolas não exerce influência direta sobre as perspectivas da safra. Entretanto trata-se de um indicador representativo da situação dos produtores rurais. Quando os resultados de uma safra são satisfatórios, os agricultores procuram comprar novas máquinas ou substituir as que já estão desgastadas. Em 1996, as vendas de máquinas automotrizes para a agricultura registraram um dos piores resultados dos últimos anos, pelo segundo ano consecutivo caíram, no período janeiro-outubro, mais de 40%.

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

INDICADOR DO MILHO — CGV-BM&F

Preços caem dia a dia

A Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) lançou, em novembro, um contrato futuro de milho, cujo preço indicativo está sendo calculado diariamente pela FGV desde outubro passado. Conforme a regulamentação do contrato, as posições que permanecerem em aberto após o vencimento serão liquidadas tendo como parâmetro o preço indicativo FGV-BM&F.

O objeto da negociação do contrato futuro é o milho em grão a granel, do tipo 2 para melhor, com até 14% de umidade, 1% de impurezas (considerado a peneira 5) e até 6% de avariados ou ardidos, posto na região de Campinas e livre de ICMS.

Naturalmente, é esse o milho cujas cotações o indicativo FGV-BM&F procura captar. As informações relativas ao mercado de lotes são coletadas diariamente junto a compradores da região de Campinas e a fornecedores situados nas regiões tradicionalmente supridoras de Campinas. As informações são analisadas e processadas conforme metodologia especificamente desenvolvida pela FGV e o resultado diário é repassado à BM&F.

A escolha de Campinas como região de referência do contrato deveu-se a dois fatos principais: Campinas concentra um grande número de consumidores de milho dos mais diversos portes e importa de outros estados quantidade expressiva, conforme um fluxo razoavelmente regular ao longo do ano.

O contrato futuro de milho poderá contribuir positivamente para uma mudança no perfil tradicional do mercado físico do cereal no país. Apesar da dimensão considerável do mercado, o cultivo do milho ainda se caracteriza pela adoção de padrões tecnológicos muito heterogêneos e pela pouca transparência na comercialização.

A produção brasileira de milho destina-se primordialmente à alimentação de rebanhos (cerca de 80%). Por isso o cereal é cultivado em praticamente todas as propriedades rurais onde se criam animais de pequeno e médio portes. Em outras palavras, o cereal tem presença quase obrigatória em qualquer perfil de propriedade rural. Pode ser encontrado de norte a sul do país e é cultivado sob as mais diversas condições tecnológicas de plantio e tratos culturais.

Já a comercialização, pouco transparente, tende a concentrar grandes quantidades nas semanas seguintes à colheita. Contribuem para isso a reduzida capacidade de armazenamento e a liquidez apertada, fatores típicos do setor agrícola brasileiro. Em conseqüência, o comportamento dos preços é fortemente sazonal, a despeito do crescimento da safrinha, a qual efetivamente tem contribuído para uma distribuição temporal mais estável da oferta.

A implantação do mercado futuro de milho no Brasil poderá trazer importante contribuição ao mercado físico de cereal. Além de permitir a eliminação do risco de preços a quem opera comercialmente com o milho, o mercado futuro trará maior transparência ao processo de formação dos preços no mercado físico. A acentuada sazonalidade das cotações também poderá ser atenuada, na medida em que, diariamente, o mercado estará negociando posições para liquidação no futuro, indicando as expectativas dominantes de mercado quanto à evolução das cotações.

Aliás, o próprio comportamento do mercado de milho no ano-safra 1995/96 indica o quanto pode ser relevante a implantação do mercado futuro. Com a quebra da safra gaúcha (em maior grau) e catarinense (em menor grau) na temporada 1995/96, as expectativas se acirraram antes do término da colheita. Os detentores de estoques venderam apenas o necessário para fazer frente aos compromissos de curto prazo, a despeito das elevadas taxas de juros. De seu lado, algumas empresas consumidoras procuraram antecipar suas compras e formar estoques. Assim, os dois lados nada mais fizeram do que apostar que, apesar da colheita da safrinha,